

### DO OLHAR À AÇÃO: experiência reflexiva em práticas pedagógicas contextualizadas

Hanju CEDEÑO LIMA (UFGD)\*

**RESUMO:** Este relato de experiência apresenta as vivências do Estágio Obrigatório II, realizado em uma escola estadual do Mato Grosso do Sul, com turmas do 1º e 2º anos do ensino médio, com foco no ensino de Língua Portuguesa. Fundamentado em Paulo Freire (2006; 2008a) e Lajolo (2009), o trabalho adotou uma abordagem qualitativa, com observação participante da prática docente e atuação em regência. Durante a observação, a estagiária auxiliou a professora regente e registrou informações relevantes sobre a estrutura escolar, a prática pedagógica e as particularidades da turma. Na etapa de regência, foram elaboradas atividades alinhadas ao conteúdo previsto no bimestre, utilizando recursos como jogos digitais — a exemplo do The Sims — e discussões sobre redes sociais e a cultura do cancelamento, com o objetivo de promover a reflexão crítica e a participação ativa dos estudantes. Os resultados indicaram que a aproximação entre conteúdo escolar e realidade discente favorece o diálogo, o pensamento crítico e a construção de sentido no processo de aprendizagem, conforme os princípios freirianos. A experiência também evidenciou o potencial da gestão escolar como espaço estratégico para a transformação educacional. Este relato contribui como base escrita para futuras análises e reflexões sobre práticas pedagógicas inclusivas, democráticas e contextualizadas.

**Palavras-chave:** prática pedagógica; reflexão docente; ensino contextualizado.

#### Introdução

Acho que, finalmente, estou me acostumando com o ambiente escolar. Sinto-me anestesiada assim que chego ao portão da escola. Não sei se isso é algo positivo, pois essa sensação acaba por me tornar menos sensível a certas situações recorrentes, como a precariedade da estrutura física, discussões entre colegas de trabalho, conflitos entre alunos e até entre professores e estudantes, brigas que resultam em expulsões, alunos chorando pelos cantos, materiais extraviados, bolas de educação física quebrando objetos, entre outros acontecimentos cotidianos.

Talvez essa minha naturalização venha do fato de sempre ter estado inserida nesse meio. Meu pai é educador e, desde pequena, escuto relatos sobre situações que ele vivencia em seu ambiente de trabalho. Tudo isso se tornou parte da rotina — não há muita novidade. Talvez o “algo novo” seja justamente a crescente presença

\* Graduanda no Curso de Letras - Português e Inglês da UFGD. E-mail: hanjucl@gmail.com.



# VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

## INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

das tecnologias, que podem tanto contribuir quanto prejudicar o processo de ensino. Com a ascensão desses recursos, percebo que as pessoas estão se tornando mais frias, o que impacta diretamente a saúde mental de todos os envolvidos no ambiente escolar.

Acredito que, ao escolhermos ser professores, assumimos também a responsabilidade de desenvolver um certo “tato” social — estar abertos a compreender os contextos que envolvem cada estudante: sua saúde, seu núcleo familiar, suas condições emocionais, físicas e financeiras. Essa sensibilidade é parte da função social do educador, como bem aponta Freire (2006, p. 45). Em sua obra, ele afirma que a educação deve “permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...] uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugue.”

### 1 Reflexões sobre o ensino da Língua Portuguesa no contexto do ensino médio

Escolhi a professora certa para me acompanhar nesta etapa do Estágio Obrigatório II. Conheci a professora Aline durante o período prático do PIBID, e desde então me encantei com seu método de trabalho. Ela demonstra um verdadeiro amor pela profissão e constantemente inova em sala de aula. Vejo nela um exemplo vivo do papel social que Freire defende — o que contrasta fortemente com a experiência que tive no Estágio Obrigatório I.

Minha atividade favorita até agora foi, sem dúvida, a Roda de Leitura, pensada em conformidade com o calendário escolar. Ela ocorreu logo após as Provas Integradas, aplicadas pela escola para avaliar o desenvolvimento dos alunos. A atividade serviu como um respiro dos conteúdos obrigatórios da BNCC. A proposta era que os alunos escolhessem um livro de que gostassem — da biblioteca ou de casa — e o lessem tanto em casa quanto em momentos específicos das aulas de Língua Portuguesa. O que mais me chamou a atenção não foi a leitura em si, mas a leitura de mundo que os alunos revelaram ao compartilhar o conteúdo com a turma.

# VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

## INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

Essa observação me fez lembrar de uma reflexão da autora Lajolo (2009, p. 104) sobre a relação entre leitura e experiência de vida. Segundo ela, os textos “são atravessados por todos os lados pela história: pela história coletiva que cada um vive no momento respectivo da leitura e da escrita, e pela história individual de cada um; é na interseção destas histórias, aliás, que se plasma a função autor e leitor.”

Durante essa atividade, os alunos estavam animados de verdade — e a professora parecia ainda mais feliz, como se aquele momento fosse uma pausa necessária pra todo mundo. O que começou como uma simples Roda de Leitura virou um espaço de conversa, escuta e troca. Alguns alunos trouxeram temas bem sensíveis, que talvez nem fossem comentados com os pais ou amigos. E ali, no meio de livros e relatos, a gente conseguia perceber como cada um estava se sentindo, de verdade. Acho que foi aí que eu entendi, na prática, como a leitura também pode cuidar. Não só pelo conteúdo dos livros, mas pelas histórias que ela desperta, pelas conexões que cria. Foi bonito de ver — e mais bonito ainda de viver.

## 2 Práticas e desafios na articulação entre teoria e realidade escolar

Durante minha regência no estágio, entendi que ensinar vai muito além de explicar regras gramaticais ou propor redações. É, sobretudo, criar pontes. Entre a escola e o mundo. Entre a teoria e a vida. Entre quem eu sou e quem eu me torno quando estou diante de uma sala cheia de olhares curiosos e inquietos. Foi nesse espaço, em constante movimento e transformação que vivi uma das experiências mais marcantes da minha formação docente.

Desde o primeiro contato com a turma, percebi o desafio que tinha nas mãos: como cativar os alunos, como fazê-los perceber que a aula de português não precisa ser sinônimo de tédio ou obrigação? Como transformar o conteúdo em algo vivo, que dialogue com a realidade deles, que desperte curiosidade e provoque reflexões? A resposta, aos poucos, se desenhou com base em uma escuta atenta do contexto, dos interesses e das expressões cotidianas dos estudantes. Vi que as redes sociais eram presença constante em suas conversas, TikTok, Instagram e Twitter faziam parte da linguagem deles, moldavam seu vocabulário e suas referências culturais. Então, foi por aí que resolvi começar.



VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

Realização:

**GEPPEF**  
Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas Educacionais e Formação de Professores

Apoio:

GOVERNO DE MATO GROSSO DO SUL

Fundect

PAAE

UEMS

UF GD

UF GD

PPGCEdu

INSTITUTO FEDERAL

SEMED

FETEMS

FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL

FÓRUM MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE DOURADOS

SIMTED

# VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

## INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

Levei para a sala de aula discussões sobre o universo digital e o comportamento nas redes. Introduzi o tema do "cancelamento", essa prática que se tornou tão comum quanto problemática. Discutimos como ela acontece, suas implicações, seus limites. Falamos sobre empatia, julgamento, responsabilidade com as palavras. Muitos se mostraram engajados, participaram com entusiasmo, trazendo exemplos reais e opiniões bem construídas. A linguagem do conteúdo passou a ser também a linguagem deles, e isso fez toda a diferença.

Para potencializar ainda mais o envolvimento, propus uma atividade criativa: criar um personagem no estilo *Sim* do jogo *The Sims*, alguém com uma vida pública digital, com gostos, hábitos, opiniões. A missão era imaginar uma situação em que esse personagem seria "cancelado", refletir sobre o porquê, as consequências e como ele reagiria a essa situação. Com base nisso, os alunos deveriam escrever um texto opinativo. A proposta uniu ludicidade, crítica social e produção textual. Os resultados foram surpreendentes: surgiram personagens complexos, narrativas bem estruturadas e, acima de tudo, reflexões autênticas. Muitos alunos que raramente participavam se envolveram profundamente, trazendo ideias inovadoras e debatendo com entusiasmo.

Foi nesse momento que comprehendi, de forma concreta, o que significa uma aula com sentido. Quando o conteúdo encontra a realidade do aluno, a mágica acontece. O que antes parecia distante, escrever um texto argumentativo, por exemplo, se tornou uma tarefa com propósito, com voz, com identidade. E, nesse processo, também fui aprendendo a me reinventar, a observar com mais atenção, a abrir espaço para o novo, mesmo que ele não estivesse exatamente no plano de aula.

Essa vivência me levou de volta a Paulo Freire, que já havia me tocado durante a graduação, mas agora se apresentava com nova força e clareza. Como ele afirma: "o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os seres humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e a refazem" (Freire, 2008a, p.123). Percebi que a sala de aula não é um espaço de transmissão, mas de construção, de encontro



# VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

## INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

entre mundos, de escuta mútua. E que o professor é, antes de tudo, um mediador sensível entre o saber e o viver.

A regência também me fez pensar no papel social do professor, algo que vai além da técnica. Freire (2006, p. 45) nos lembra que a educação deve “permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...] uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugue.” Com essa perspectiva em mente, busquei exercer uma prática que não impusesse verdades, mas que provocasse perguntas.

Outro aprendizado importante foi sobre a delicadeza de lidar com as emoções dos estudantes, suas inseguranças e resistências. Muitos carregam experiências escolares que os afastaram da leitura e da escrita, que os fizeram acreditar que não eram “bons o bastante”. Tentei, com pequenos gestos e estímulos, reconstruir essa relação: elogiei avanços, valorizei ideias originais, dei liberdade criativa. Ao ver alguns alunos se orgulhando de seus textos, lendo em voz alta ou pedindo para mostrar aos colegas, senti que estava contribuindo para ressignificar a experiência deles com a língua.

Termino essa etapa com o coração cheio e com a certeza de que a docência é feita de encontros que nos transformam. Não saio dessa experiência com todas as respostas, longe disso, mas com novas perguntas, novos afetos e uma vontade ainda maior de continuar nesse caminho. Um caminho que exige estudo, escuta, humildade e coragem. E, acima de tudo, sensibilidade para perceber que, mais do que ensinar conteúdos, educar é tocar vidas. E permitir, também, que sejamos tocados.

### Considerações finais

Estou chegando ao fim. Último semestre da graduação, e agora em junho eu me formo. Quando paro pra olhar tudo o que vivi nesses anos, só consigo pensar que essa foi, talvez, a fase mais bonita da minha vida. Cresci numa cidade pequena, e por muito tempo achei que minha vida ia ser daquele jeitinho que todo mundo esperava. Mas entrar numa universidade pública me abriu outros caminhos. Me



VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

Realização:

**GEPPEF**  
Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas Educacionais e Formação de Professores

Apoio:



FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL



DOURADOS-MS

# VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

## INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

mostrou que eu posso ser uma mulher que pensa, que sonha, que não precisa se limitar, nem ficar parada em um só lugar.

O começo deste ano foi especialmente difícil para mim. Eu estava perdendo a perspectiva da vida que havia construído até ali. Tudo que vivi parecia tão distante, como se fossem apenas ecos que ressoavam no meu dia a dia, e eu me sentia no fundo do poço. Foi um momento de muita confusão e tristeza, onde parecia que nada fazia sentido.

Mas me forçar a voltar a estudar, a cumprir o estágio, me obrigou a ter uma rotina, e essa rotina foi o que me salvou de mim mesma. Aos poucos, dei xe de ouvir apenas aqueles ecos do passado e comecei a escutar as oportunidades que estão aqui, no presente, e que são realmente possíveis.

No último semestre, durante meu intercâmbio na Colômbia, fiz uma promessa para mim mesma: manter o estilo de vida que estava construindo lá, mais aberto, mais livre, mais conectado com o que eu realmente quero ser.

No meio de tudo que vivi nesse estágio, descobri algo que não esperava. Eu sempre pensei que dar aula fosse o que mais ia me apaixonar, afinal, é o que sempre imaginei que faria. Mas, na prática, senti que não é isso que me move de verdade. Não é o momento de falar, de estar na frente da turma, que faz meu coração bater mais forte. O que realmente me encanta é o momento antes disso tudo, quando eu posso sentar, pensar, planejar, criar a aula. Gosto de imaginar como o conteúdo vai chegar, como posso ajudar cada aluno a entender, de verdade, aquilo que eu preparei com tanto cuidado. Gosto do desafio de organizar, de pensar estratégias, de cuidar para que tudo funcione.

E aí percebi que a gestão escolar é onde quero estar. Não no centro da sala, mas nos bastidores, ajudando a construir o caminho, criando espaço para que o aprendizado aconteça de verdade. É um lugar onde posso usar minha vontade de fazer diferente, de transformar, de ajudar a construir um ambiente melhor para todo mundo. Essa certeza me deixou mais leve. Entendi que não preciso seguir o caminho que imaginei no começo da graduação, e que isso é normal. O importante é saber o que me faz bem, onde posso contribuir de verdade. Hoje, olho para minha formação e vejo que ela não é só sobre ensinar. É sobre entender a educação em todas as suas formas, e a gestão é um pedaço desse mundo que me chama muito.



# VII SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

## INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação”

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

### REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. Conscientização: Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3<sup>a</sup> ed.; São Paulo: Centauro, 2006.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008a.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- LAJOLO, M. O texto não é pretexto. Será que não é mesmo? In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. (Orgs.). Escola e leitura: velha crise; novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

Realização:



Apoio:

